

OS MANIPULADORES POLÍTICOS DA HISTÓRIA

Djacir Menezes

Sob essa epígrafe esconder-se-ão gregos e troianos. Tanto marxistas quanto seus adversários podem utilizar-se a seu modo do enfoque que permitirá deslindar, na trama dos episódios históricos, o fio que conduz às justificativas adequadas às suas teses. No fundo, há uma constante manipulação de dados a favor do que o escritor pretende assentar em defesa de suas idéias ou, melhor, de suas simpatias políticas.

A geração mais bafejada pelas inspirações e metodologia marxistas começou a ver na história do Brasil a exploração da classe dominante desde as capitâneas hereditárias, forcejando, com mediocridade habitual dos sequazes, por meter a realidade mal observada no esquematismo da doutrina. Os demais historiadores que não rezaram pela mesma cartilha foram simplesmente arrolados como cortesãos a serviço dos interesses dominantes da burguesia, categoria de escribas que Marx qualificara de "sicofantas". Assim, a história foi-se escrevendo para registrar a glória dos reis, dos generais vitoriosos, das dinastias que exerciam o poder. A história se escreveu quase sempre ao sabor do vencedor para perpetuar-lhe a imortalidade. Isso é velho como a Sé de Braga. Um exemplo que nos leva ao coração da atualidade: ninguém ignora que a história da Revolução Russa tem duas perspectivas — uma, com a imagem de Stalin, que suprime a admirável personalidade de Trotsky; outra, ao revés.

Tais conjecturas, entretanto, nos ocorrem ao deparar o problema das manipulações políticas dos dados históricos feitas por historiadores arregimentados pelo sectarismo ideológico, a se acusarem mutuamente de vendidos aos respectivos grupos de dominação. Acontece, porém, que esses demagogos da história ultrapassam os limites da credibilidade no processo de falsificação, no afã de enganar as gerações que se iniciam no estudo das coisas sociais, prevalecendo-se do despreparo dos noviços. Como os manipulares têm aquela coragem heróica de afirmar, de que falou o romancista, e a juventude é essencialmente heróica, os livros produzidos, colhendo retalhos descosidos da verdade e recosidos em novo painel, tornam-se perniciosamente convincentes aos olhos dos que estão sôfregos de consertar a pátria. Será, portanto, obra de senso e civismo tentar mostrar o que se oculta por trás dessas manipulações que lhes estão sendo oferecidas como estímulo aos seus nobres sentimentos. Na linha da frente do combate contra a deturpação devem estar os próprios

historiadores, que são os primeiros alvejados nos livros citados. Depois, virão outros interessados nas ciências histórico-culturais. Aqui, precisaríamos definir mais claramente a atitude que seguimos há longo tempo em nossos escritos. Para nós, a história não é destinada à formação de mentalidade servil à tradição, mas antes de tudo à dilucidação e culto à verdade. Invocando, porém, esse mesmo lema, os forjicadores empenham-se numa revisão que nega o que há de mais digno e constante no caráter da nacionalidade.

Tais considerações foram motivadas em face de um livro que suscitou do historiador cearense Luís Barros a incisiva réplica que nos pareceu oportuno comentar na imprensa e que agora trazemos ao plenário deste Conselho de Cultura. O livro do Sr. Júlio José Chiavenato, intitulado **Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai**, teve sucinta contestação no ensaio do Prof. Luís Barros, do Instituto do Ceará. Até então lemos e ouvimos contestações tímidas, que não correspondiam à fogosa agressividade do valente defensor dos brios paraguaios.

É fácil nos atalhar o passo com a declaração da imparcialidade da História e outros boatos que mascaram a precaução dos historiadores. Não. Não morremos de amores seródios pela dinastia bragantina, sempre gabada pela maioria deles a título de incentivar a formação de uma consciência cívica capaz de resistir às forças corrosivas de desintegração. E todas as vezes que relemos as páginas onde se descrevem as represálias cruéis contra os revolucionários de 1817 e 1824 medimos a dimensão da cupidez e ferocidades mobilizadas em defesa do absolutismo português e de seu patrimônio.

Tudo muda, porém, em face da Guerra do Paraguai. Não dispomos de espaço para discutir o assunto como merece o livro, mas apontamos o ensaio do Prof. Luís Barros, **Contra o Lopismo**, editado em Fortaleza, como a melhor devassa na obra do Sr. Chiavenato. Barros resume: “A tese central da publicação é um absurdo. O imperialismo inglês armou o Brasil e a Argentina para invadir o Paraguai porque se sentia prejudicado, no continente americano, pelo governo da nação guarani. É impossível dizer mais erros em tão poucas palavras”. E é mesmo. A demonstração, em linguagem fácil e nítida, corre nas 64 páginas do opúsculo. Lembra o crítico cearense que, para conseguir o reconhecimento de sua Independência, “o Brasil sofreu verdadeira extorsão por parte da Inglaterra, pagando dívidas contraídas por Portugal, uma das causas da impopularidade de D. Pedro I”. Na questão do tráfico, no famoso “Bill Aberdeen”, as duas nações se desavieram diplomaticamente. Os motivos que levaram o Brasil à guerra (isso está em quase todos os historiadores) não nasceram do imperialismo britânico.

Para forjar sua tese, o Sr. Chiavenato pintou mentirosamente o Paraguai como uma utopia socialista, uma colméia de trabalho e alegria,

cujos progressos iam à frente do Brasil. A não ser “El Supremo”, que capitaneava o país como eminência solitária, tudo mais exprimia a igualdade bem-aventurada. De Francia a Carlos Antonio Lopez, reinava a mais admirável fraternidade de trabalho, com fábricas e artesanatos, sem burguesias que atrapalhassem esse paraíso mediterrâneo. O mais espantoso é que, nesse regime de patriarcalismo ativo, todos os males haviam sido eliminados. Transcreve o crítico estas palavras do autor: “Até o começo da guerra não se conheciam loucos ou suicídios no Paraguai, segundo o testemunho de alguns cientistas”. Lá se gozava da melhor alimentação do mundo. A cultura subia sempre. Entretanto, segundo verifica o autor, o sistema não conseguira organizar uma classe liderante !

As contradições sociais e políticas são tremendas no livro. Foi um brado de bom-senso e de honestidade o que acaba de dar o Prof. Luís Barros contra a destemperada obra de falsificação histórica e de deformação de uma difícil fase da vida política do país.

(Pronunciamento lido no Conselho Federal de Cultura e que recebemos para publicação graças à gentileza do Prof. Lourenço L. Lacombe, Diretor do Museu Imperial, de Petrópolis.)

*